

AVALIAÇÃO DE TÉCNICAS PARA O MELHORAMENTO DA MANUTENÇÃO DE *MICRURUS ALTIROSTRIS* (COPE, 1860) (SERPENTES, ELAPIDAE) EM CATIVEIRO

Acácia Britto Winter^{1,2}, Maria Lúcia Machado Alves¹ e Moema Leitão de Araujo¹ (orient.)

¹Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA), Museu de Ciências Naturais (MCN), Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul (FZB); ²Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Lasalle Canoas; acaciawinter@hotmail.com; botropica@yahoo.com.br

O Núcleo Regional de Ofiologia de Porto Alegre (NOPA) mantém serpentes peçonhentas procedentes do Estado do Rio Grande do Sul, com o principal objetivo de extrair veneno para fabrico de soro e pesquisa, além de educação ambiental e fornecimento de material biológico. Atualmente a produção de peçonha de *Micrurus altirostris* (Cope, 1860) está sendo utilizada em projetos de pesquisa sobre antivenômica e proteômica, em colaboração com o Instituto Vital Brazil (IVB) e o Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBMUFRRJ). O índice de mortalidade na criação de *M. altirostris* é bastante alto, provavelmente por questões biológicas relacionadas com sua alimentação e micro-habitat. Neste sentido, a manutenção da espécie representa um desafio para todos os biotérios de serpentes do país. Inicialmente foi feita pesquisa nos arquivos do NOPA, para verificar a média e a moda de tempo de vida da espécie em cativeiro, entre os anos de 1994 e 2010. Buscando-se aumentar a longevidade da espécie, foram implantadas duas metodologias de manutenção, baseadas na composição do substrato e da alimentação. Para tanto, foram criados dois grupos: grupo A, onde os espécimes são acondicionados em substrato de jornal e alimentados com ração composta por fígado de galinha e ovo; grupo B, onde são acondicionados em substrato de vermiculita e alimentados com ração composta por farinha de osso, ovo, suplemento vitamínico e sal. A temperatura da sala variou entre 15°C e 25°C. Até o momento o estudo incluiu 23 animais, sendo 11 no grupo A e 12 no grupo B. Bimestralmente, os animais são pesados, alimentados e o veneno é extraído, após sedação com CO₂. A alimentação é feita via sonda gástrica, inicialmente na quantidade de 10% da massa do indivíduo. Após seis meses de estudo, passou a ser equivalente a 20%. Alimento natural foi oferecido a ambos os grupos, quando disponível. Entre 1994 e 2010, a mediana e a moda de vida foram de 120 dias, respectivamente. Considerando-se apenas os indivíduos que já foram a óbito, obtiveram-se os seguintes dados sobre longevidade: média de 161 dias para o grupo A e 119 para o grupo B, média aritmética de 177,6 dias para A e 134,6 dias para B. O desvio padrão apresentado é de 113,5 para o grupo A e 76,5 para o grupo B. Embora preliminares, os resultados são bastante satisfatórios. Pesquisa realizada no Instituto Butantan apresenta mediana de 78 dias na sobrevivência.

(Apoio: PIBIC-CNPq)